
Uma análise da cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 na Rede Globo de Televisão¹

Guilherme Gonçalves LONGO²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

A década dos megaeventos esportivos no Brasil fortaleceu o Jornalismo Esportivo, com as Paralimpíadas Rio-2016 agregando neste panorama. Este trabalho, parte da pesquisa de dissertação do autor, apresenta uma análise quali-quantitativa da cobertura feita pela Rede Globo de Televisão, com categorias fundamentadas em protocolo próprio, tendo como base a Análise de Cobertura Jornalística de Silva e Maia (2011) e o estudo de guias de mídia para Jogos Paralímpicos. Os resultados obtidos são opostos. Enquanto houve uma diversificação de conteúdo, é possível notar repetição de informações, sendo o veículo que abriu mais espaço para os Jogos em uma cobertura muito pautada pelos resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo esportivo; Paralimpíadas; Rio-2016; Cobertura; Rede Globo de Televisão.

INTRODUÇÃO

Os Jogos Paralímpicos se consolidaram como o principal evento esportivo para atletas com deficiência do mundo, tornando-se um megaevento esportivo. E os Jogos Rio-2016 se mostraram emblemáticos, por serem realizados em meio a uma das piores crises políticas e econômicas que o país atravessava. Mesmo assim, representaram um marco na cobertura jornalística esportiva do país, mesmo tendo uma atenção consideravelmente menor da mídia em comparação às Olimpíadas.

Este trabalho apresenta parte dos resultados da pesquisa de dissertação de mestrado do autor (LONGO, 2019), apresentada no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor – UFSC), tendo como foco a análise da cobertura feita pela Rede Globo de Televisão dos Jogos Paralímpicos Rio-2016 através de seus produtos jornalísticos diários e semanais (*Hora 1, Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo, Globo Esporte, Esporte Espetacular e Fantástico*).

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCom/USP). Formado em Jornalismo pela UFSC e Mestre em Jornalismo pela mesma instituição. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Fincance code 001. E-mail: guilherme.g.longo@usp.br.

Para isso, foram analisadas as peças veiculadas nos programas jornalísticos do canal entre 07 e 19 de setembro de 2016, utilizando protocolo metodológico qualiquanto proposto pelo autor. Para a formulação deste protocolo, utilizou-se como base uma mescla da *Análise de Cobertura Jornalística*, proposta por Silva e Maia (2011) e o estudo de cinco guias de mídia de Jogos Paralímpicos lançados entre 2012 e 2018.

UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Para este trabalho, optou-se pela formulação de um protocolo de análise qualiquanti, por achar que ambas são complementares e necessárias para atingir os objetivos pré-determinados para esta pesquisa, como defende Flick (2009). Acredita-se que, ao estudar uma cobertura, é preciso ter esta visão completa, já que, falar apenas que foi uma “boa cobertura, sem erros”, significa pouco se a pauta esteve pouco presente no noticiário no período analisado.

Um dos grandes desafios foi criar um protocolo que abarcasse também os quatro meios jornalísticos (impresso, televisão, rádio e online), ajudando a suprir um grande problema do campo acadêmico do Jornalismo: a falta de métodos e técnicas de análise próprios da área.

A proposta, melhor detalhada na dissertação do autor (LONGO, 2019), se aproveitou de duas fontes importantes de inspiração. As categorias de análise quantitativa foram criadas tendo como base no protocolo metodológico de Silva e Maia (2011), a *Análise de Cobertura Jornalística*, envolvendo questões como número de conteúdos veiculados, tipo de material, tempo dedicado (para materiais audiovisuais) e outros.

Já os qualitativos foram definidos após análise de cinco guias de mídia saídos de diferentes edições e entidades envolvidas com os Jogos Paralímpicos entre 2012 e 2018 (British Paralympic Association Guide to Reporting on Paralympic Sport, Guia do Comitê Paralímpico Australiano para os Jogos de Sochi-2014, Guia para a Mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos, Guia do Comitê Paralímpico Neozelandês para os Jogos de PyeongChang-2018 e Guia de como se referir a pessoas com deficiência), produzidos por Comitês Paralímpicos Nacionais e, o último, pelo próprio Comitê Paralímpico Internacional.

Optou-se por utilizar esse tipo de documento como base porque, segundo Santos (2018), foram fontes importantes de informações e explicações para os jornalistas que

trabalharam na cobertura. Estas são divididas em três grandes categorias: textual, visual e produção / edição, de acordo com as especificidades de cada meio.

A COBERTURA DA REDE GLOBO DE TELEVISÃO

Para esta análise, utilizou-se a plataforma oficial de *streaming* do Grupo, a *GloboPlay*, para a coleta do material, indo de 07 de setembro de 2016, dia da Cerimônia de Abertura, a 19 de setembro do mesmo ano, dia após a Cerimônia de Encerramento. Para o trabalho, optou-se por este veículo por ser o Grupo detentor dos direitos de transmissão dos Jogos, focando apenas no material veiculado nos telejornais do canal aberto, deixando de lado o que foi ao ar no canal a cabo *SporTV*.

Inicialmente, chama a atenção o fato de a Globo optar por não fazer transmissões ao vivo dos Jogos Paralímpicos em TV aberta, deixando isso para o *SporTV*, e cedendo os direitos para a *TV Brasil*, canal pertencente à EBC, o que representou um grande contraste em comparação às Olimpíadas do Rio, quando o canal transmitiu cerca de 10 horas diárias de competições.

Foram analisados os cinco telejornais diários (*Hora 1*, *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*), além dos dois programas esportivos (*Globo Esporte* e *Esporte Espetacular*) e *Fantástico*. Foram veiculadas 256 peças sobre os Jogos, entre matérias, reportagens, entradas ao vivo e atualizações do quadro de medalhas, totalizando 8 horas, 27 minutos e 59 segundos de cobertura, uma somatória de 13 dias que não chega perto do total de um dia de transmissões olímpicas no canal.

Programa	Número de peças coletadas	Total de tempo dedicado
Hora 1	12	34 minutos e 08 segundos
Bom Dia Brasil	35	01 hora, 01 minuto e 31 segundos
Jornal Hoje	50	01 hora, 41 minutos e 21 segundos
Jornal Nacional	57	01 hora, 43 minutos e 25 segundos
Jornal da Globo	29	43 minutos e 28 segundos
Globo Esporte	41	01 hora, 19 minutos e 38 segundos
Esporte Espetacular	16	01 hora, 06 minutos e 40 segundos
Fantástico	7	17 minutos e 38 segundos
Total	247	08 horas, 27 minutos e 59 segundos

		segundos
--	--	----------

Tabela 1: Números da coleta de materiais da Rede Globo de Televisão (Fonte: Autor)

Olhando para a parte visual, chama a atenção a grande preocupação em seguir uma ‘cartilha’ que não criasse um discurso capacitista, com poucos casos indo contra recomendações do guia de mídia oficial da Rio-2016 (PAPPOUS; SOUZA, 2016). Porém, é preciso destacar que, mesmo sem os créditos corretos, pode-se notar que muitas das imagens são, na verdade, originárias da geração de imagens próprias dos Jogos, sendo feitas por uma equipe com maior conhecimento acerca desta temática.

Por ter uma equipe reduzida para a cobertura em comparação ao que se viu nas Olimpíadas, com poucos jornalistas tendo que abastecer toda a programação do canal, é possível notar uma certa repetição de conteúdos, mas sem a repetição de peças completas, muitas vezes tentando mudar a angulação ou, no caso dos resultados, acrescentando novas informações. Isso também se justifica pelo fato de os públicos dos telejornais não serem necessariamente os mesmos.

O *Fantástico* chamou a atenção pelo fato de não exibir conteúdos factuais, como os resultados dos eventos, justificando que estes seriam o foco do *Boletim Paralímpico*, programa veiculado pela *Globo* no início da madrugada. Mas isso representa um problema, já que o horário de veiculação deste era variável e de menor alcance entre o público. A edição do dia 18 sequer faz menção à Cerimônia de Encerramento, que acontecia naquele momento.

Entre os feitos da delegação brasileira, chama a atenção o destaque dado ao nadador Daniel Dias, que fez história nos Jogos ao se tornar o nadador masculino com mais medalhas conquistadas nos Jogos. Isso levou a uma entrevista histórica de Dias ao vivo na bancada do *Jornal Nacional* do dia 19, sendo apenas o terceiro atleta a obter tal distinção na história, ao lado do tenista Gustavo Kuerten e do jogador Ronaldo Nazário.

Falando em entrevistas ao vivo, o *Esporte Espetacular* trouxe mais exemplos deste, com Clodoaldo Silva, nadador que fazia sua despedida dos Jogos no Rio, e parte da equipe da seleção brasileira de Futebol de 5, presente no estúdio conversando com os apresentadores.

O programa dominical de esportes do canal teve um foco maior em produções especiais, de tom bem diferente do *Globo Esporte*, que trabalhou mais o factual, com destaque para os resultados dos eventos. Porém, é importante destacar que as matérias analisadas souberam apresentar elementos importantes para a compreensão do público, como a explicação das modalidades.

Olhando para os telejornais diários, o *Hora 1* foi o que menos dedicou espaço aos Jogos, sendo inclusive o único a não ter nenhuma matéria sobre o evento em um dos dias analisados. Por outro lado, o *Bom Dia Brasil* soube dar uma grande diversificada no conteúdo exibido. Além da agenda com os principais eventos do dia, foram veiculadas matérias sobre a presença dos militares na segurança dos Jogos e a venda de ingressos, mesmo que em menor quantidade.

Aqui, duas matérias valem destaques particulares. Uma sobre Hilário Neto, comentarista do *SportTV*, que é cego, mostrando como foi o processo de formação do ex-atleta e a descrição do seu trabalho. A outra sobre Alessandro Zanardi, que conquistou uma medalha nos Jogos no dia em que completou 15 anos de seu grave acidente na *Fórmula Indy* que o deixou paraplégico.

Pela questão do horário de veiculação, o *Jornal Hoje* teve um formato diferente dos demais, com 40% das peças coletadas sendo entradas ao vivo, criando uma conexão maior entre o estúdio e os locais de competição, sendo também o único telejornal a trazer uma reportagem sobre a história dos Jogos Paralímpicos.

Já o *Jornal Nacional* foi o que mais deu atenção aos Jogos como também foi o que mais diversificou o conteúdo, indo além de apenas noticiar as medalhas do dia, trazendo essas informações por angulações distintas, como o ritual dos atletas de natação de ouvir música antes da prova, a classificação funcional e os voluntários.

Porém, é preciso destacar pontos negativos da cobertura, como uma matéria de Marcos Uchôa no dia 12 sobre os atletas paralímpicos que adquiriram suas deficiências como consequência das guerras e conflitos pelo mundo, com o texto usando expressões que criavam um efeito mais dramático que o necessário, além de imagens que faziam um foco desnecessário na deficiência do atleta.

CONCLUSÕES

A Rede Globo realizou nas Paralimpíadas Rio-2016 uma cobertura muito diferente daquela vista semanas antes nos Jogos Olímpicos, com as longas faixas dedicadas na programação transformando-se em algo restrito aos telejornais. À época, em meio às críticas recebida pela decisão, a direção do canal tentou justificar isso como “decisões artísticas”³.

³ ⁴ <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/09/09/globo-diz-que-compacto-daparalimpiada-foi-decisao-artistica.html>. Acesso em: 27 jun. 2024

Mas, quando olhamos para a cobertura propriamente dita, foram resultados opostos. Ao compararmos com os outros veículos analisados pelo autor em sua dissertação de mestrado (LONGO, 2019), houve uma diversificação de conteúdo, pontuada também por uma grande repetição de informação e imagens o que, no final das contas, permitiu uma abertura maior de espaço para as Paralimpíadas.

Como já era esperado, houve uma cobertura muito pautada pelos resultados e com explicação das modalidades, apesar de problemas com a explicação da classificação funcional. Porém, a matéria de Marcos Uchôa, sobre os atletas paralímpicos e a guerra, representa um grande deslize em meio ao trabalho feito.

REFERÊNCIAS

- FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009
- LONGO, Guilherme. **A Cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 na Imprensa Brasileira**. 211 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019
- PAPPOUS, Athanasios; SOUZA, Doralice Lange de. **Guia para a Mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos**. Brasília: CPB, 2016
- SANTOS, Silvan Menezes do. **O processo de Produção de Notícias dos Jogos Paralímpicos Rio-2016: Rotinas, Critérios e Valores do Jornalismo Esportivo Paraolímpico**. 2018, 289 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-199 Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018
- SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, São Paulo, n. 10, p. 18-36, jul/dez., 2011